

OFICINAS LÍTICAS EM ZONA DE COCAL NO MARANHÃO, BRASIL

Jacionira Coêlho Silva

RESUMO

As oficinas líticas situadas na zona central maranhense estudadas encontram-se nas encostas de ondulações de baixa altitude, em áreas úmidas. Os objetos estavam dispersos, formando concentrações ou não, em lentes superficiais de seixos e outros materiais expostos pela erosão. Os artefatos foram realizados sem uma técnica rebuscada, algumas vezes aproveitando a forma básica da matéria bruta, arranjada apenas, mediante a retirada de pequenas e poucas lascas. Essa técnica de “adaptação” da matéria bruta às funções dos artefatos surgiu no nordeste brasileiro por volta de 4 a 3 mil anos B.P.

Palavras-chave: oficinas líticas – lentes de seixos – técnica de confecção – matéria bruta adaptada – função múltipla - estratégias de sobrevivência.

ABSTRACT

The lithics factories at the central zone of the Maranhão state, currently under consideration, lie at low altitude hills declivities, on dump areas. The objects were spread, forming concentration or not, at superficial lenses of pebbles and another materials exposed by erosion. The artefacts were made by simple technique, some times taking a basic shape of the raw matter, arranged only by small few splinters. This technique of “adaptation” by the raw matter to the artefacts functions arise at the brazilian northeast around 5 to 4 thousand years B.P.

Key words: lithics factories - lenses of pebbles - technique of making - adapted raw matter - multiple function – survivals strategies.

INTRODUÇÃO

O material arqueológico apresentado neste trabalho foi resgatado durante os estudos arqueológicos realizados para implantação da linha de transmissão de 500KV Circuito 2 entre a subestação de Presidente Dutra-MA e a de Teresina II, nessa capital (CHESF-CONSPLAN 2002 a 2005), pela equipe do Núcleo de Antropologia Pré-histórica, da Universidade Federal do Piauí¹.

O trecho inicial dessa LT corta os municípios de Presidente Dutra e Governador Eugênio Barros, e posteriormente Graça Aranha, Caxias e Timon, no Maranhão, e Teresina, no estado do Piauí, perfazendo uma extensão aproximada de 200 km.

Os achados arqueológicos mais representativos ao longo dessa LT, todavia, foram localizados em Presidente Dutra e Gov. Eugênio Barros, na região central do Maranhão (Quadro I). Esses municípios formam uma unidade ambiental e cultural.

Quadro I - Eventos arqueológicos e posicionamento

Sítio/ocorrência	Torre Referência	Município/UF	Coordenadas
Subestação Presidente Dutra II	T 1-2	Presidente Dutra-MA	N 0557989 - E 9417328
Subestação Presidente Dutra III	T 1-3	Presidente Dutra-MA	N 0558413 - E 9417270
Fazenda Recanto	T 5-1	Presidente Dutra-MA	N 0559997 - E 9413766
Jenipapo dos Paulinos (ocorrência)	T 13-1	Presidente Dutra-MA	S 5°20'00,1" - W 44°23'58,1"
Sítio Canaã	T 35-1	Gov. Eugênio Barros-MA. (Faz. Paraíso, Canaã)	N 0587683 - E 9404729

CONTEXTO FÍSICO-AMBIENTAL

A área onde foram identificados os vestígios arqueológicos ora estudados está situado na zona central do Maranhão na microrregião denominada Zona de Cocal, em decorrência da predominância do coco babaçu (*Orbignya speciosa* Mart.).

Do ponto de vista do domínio estrutural, pertence à Bacia Sedimentar do Parnaíba, também conhecida na literatura especializada como Bacia Sedimentar do Meio-Norte ou Bacia Sedimentar Maranhão-Piauí, termos ora em desuso. O início da deposição sedimentar dessa bacia deu-se no cambro-ordoviciano, durante sucessivas transgressões e regressões marinhas, período ao qual pertencem as Formações denominadas de Riachão e Mirador. O término da deposição ocorreu no Cretáceo, com os sedimentitos da Formação Itapecuru (Góes & Feijó 1994), de origem continental e ingressões marinhas episódicas.

De acordo com Cunha (1986) após as Formações Riachão e Mirador ocorreram cinco grandes ciclos de deposição, que são o Ciclo Siluriano, o Devoniano-Mississipiano, o Pensilvaniano-Triássico, Jurotriássico-Eocretáceo e o Cretáceo, dos quais somente os três últimos compõem a seqüência deposicional observável no trecho estudado, no lado maranhense da referida bacia.

O Ciclo *Pensilvaniano-Triássico* foi formado pelos clásticos das Formações Piauí, Pedra de Fogo, Motuca e Sambaíba, de ambiência continental com ocasionais inclusões marinhas. A primeira, incluída na Formação Balsas, é considerada como o final do ciclo marinho que resultou na deposição de arenitos e folhelhos, segundo alguns autores. As deposições subseqüentes, Pedra de Fogo e Motuca, teriam se formado, durante a alternância nas condições ambientais e climáticas que caracterizou a passagem para o Mesozóico. Essas Formações são identificadas pelos níveis de sílex psolítico, gipsita e arenito vermelho, observáveis nas escavações e materiais

arqueológicos. Nódulos desse sílex foram utilizados pelo homem pré-histórico na confecção de seus artefatos de pedra. Peças desse material foram resgatadas nas escavações realizadas na região. A última fase deposicional encerrou a seqüência carbonífero-triássica, dando origem à Formação Sambaíba, composta em ambiente desértico por sistemas eólicos, de arenitos róseo e amarelo bem selecionados, com estratificação cruzada de grande porte.

O Ciclo *Jurotriássico-Eocretáceo* compõe-se dos sedimentitos das Formações Mosquito, Pastos Bons, Corda e Sardinha, organizadas em época de erupções vulcânicas com derrames e intrusões de diques e soleiras de diabásio, quando teve início o ciclo de deposição de natureza exclusivamente continental. O diabásio também foi utilizado como matéria-prima dos artefatos de pedra pré-históricos encontrados nos sítios da região central maranhense. Em pequena extensão na área estudada, encontra-se material da Formação Orozimbo, constituída por basalto de cor cinza-escuro a preto tornando-se marron escuro, amigdalóide nas superfícies intemperizadas. É datada do Jurássico-Cretáceo Inferior. De um modo geral, o processo vulcânico do Triássico foi responsável pela Seqüência Jurássica, conforme alguns autores.

O último ciclo, o *Cretáceo* foi formado pela ocorrência de sedimentitos das Formações Grajaú, Codó e Itapecuru, em ambiente marinho restrito lagunar e litorâneo. No trecho da LT, as Formações Grajaú, Codó e Itapecuru afloram, sobretudo os sedimentos da primeira e da terceira formação.

A Formação Grajaú organizou-se com a deposição de arenito esbranquiçado a creme, fino a conglomerático, que podem ser intercalados, pontualmente, por camadas de até 2m de argilito vermelho, características constatadas durante a realização das sondagens.

A Formação Codó possui três seções. Na inferior, conglomerado basal sobreposto por folhelho cinza-esverdeado a preto, com ocorrência de níveis de calcário. Na média, o conglomerado polimítico, passa a folhelho e a

marga. Na superior, ocorreu deposição de arenito e siltito cinzento, em ambiente marinho.

A Formação Itapecuru foi composta por arenito cinza esbranquiçado, esverdeado ou vermelho castanho, médio a grosso, com intercalações de folhelho cinza esverdeado ou castanho, que para alguns autores é argilito castanho-avermelhado. Essa formação resultou do sistema flúvio-lacustre em condições de semi-aridez que se implantou sobre as duas Formações anteriores e constitui cerca de 90% da área prospectada do lado maranhense. Ressalta-se que a cor dos sedimentos foi classificada de acordo com o Código de Munsell.

Enfim, Góes e Feijó (1994) relatam que a Seqüência Cretácea desenvolveu-se em decorrência “... dos esforços de ruptura da margem equatorial brasileira no Neocomiano”. As condições tectônicas do novo ciclo deposicional estão associadas a uma rápida transgressão, com a retirada definitiva do mar e a predominância de condições continentais, ao fim do ciclo sedimentar. No período pós-cretáceo, a circundesnudação auxiliou a formação de um sistema de escarpas estruturais, mediante o soerguimento da bacia. Com o fim dos grandes aplainamentos ao final do terciário, a partir do Pleistoceno médio cessaram os soerguimentos de conjunto, que foram substituídos pelos raros e localizados fenômenos tectônicos. No Pleistoceno superior passaram a predominar os efeitos Paleoclimáticos e ecológicos que, amplamente associados às sucessivas e rápidas flutuações do nível do mar, determinaram o remodelamento da superfície, sobretudo nos últimos 110.000 anos (Pires 1998).

Do ponto de vista da geomorfologia, as ondulações do pacote sedimentar do Cretáceo apresentam média altimétrica variando entre 150 e 200m. Aí, nos terrenos de baixas altitudes despontam as serras Creoli, Canafistula e São Pedro.

Sob o aspecto ambiental, ambos os municípios apresentam características semelhantes. Estão inseridos na zona de babaçuais maranhense, com representação de outras palmáceas, como o tucum (*Astrocaryum* sp), pati (*Syagrus* sp), macaúba (*Acrocomia* sp). Em meio à vegetação exuberante de manchas de floresta, onde abundam angico (*Anadenanthera* sp), catingueira (*Caesalpinia* sp) e ipê (*Tabebuia* sp), destaca-se a aroeira (*Astronium* sp) com uma predominância comparável à do babaçu no seu *habitat*, isto é, nos setores ainda inalterados. Mesmo nas áreas desmatadas das pastagens, majestosos e isolados exemplares de aroeira interrompem a monotonia da vegetação rasteira. No aspecto faunístico, são avistados nas áreas urbanas o ratão (*Molothrus* sp), codorniz (*Nothura* sp), casaca-de-couro (*Pseudoseisura* sp), cascavel (*Crotalus* sp).

Os aspectos climato-ambientais locais, por sua vez, contribuem para a manutenção das condições de umidade típica das zonas de cocais. Diversos aquíferos são encontrados na área, como a lagoa de Gov. Eugênio Barros, e a do Curador, Pedra, Binga, Panelas e Grande, em Presidente Dutra, além dos rios Itapecuru, que banha o primeiro município, e o afluente do rio Mearim, o rio Preguiça e seus tributários (riachos Firmino, Curador e Charcão), que cortam o município de Presidente Dutra. A umidade da região transforma as áreas baixas em alagadiços impedindo a circulação da população em transportes automotivos, em algumas áreas, durante o período chuvoso que se estende de novembro a junho, com precipitações mais intensas entre fevereiro e abril. As precipitações atmosféricas na região central maranhense sofrem influência dos Sistemas de Circulação Perturbada de N (CIT) e de W (IT), que determinam um regime pluviométrico com apenas quatro meses seco e três de chuvas intensas (fevereiro-março), com índice pluviométrico entre 1.000 e 1.100 mm. Segundo Nimer (1989), a temperatura média anual na zona equatorial sofre pequena variação. A zona de cocal do Maranhão está inserida no setor nordestino em que a média anual é superior a 24°C, numa variação de 22°C a 28°C.

CONTEXTO ETNO-HISTÓRICO E CULTURAL

Presidente Dutra e Governador Eugênio Barros são limítrofes e possuem uma formação social partilhada, na medida em que o segundo município, mais novo, dependeu do primeiro no seu processo de desenvolvimento.

Estão situados em uma parcela da região maranhense desbravada por pessoas em busca de novas oportunidades. Historicamente resultaram da colonização que se deu em consequência do movimento transumante, ocorrido com maior vigor a partir da independência do país e que perdurou aproximadamente até meados do século XX, do qual fez parte a ocupação da Amazônia, durante o ciclo da borracha, e a construção de Brasília, no planalto central.

Outro viés da origem dessas unidades políticas tem início ainda no vácuo legal que se formou sobre a propriedade fundiária entre 1822 e 1850, propiciando a invasão das terras das missões-aldeias originárias do século anterior e o consequente desalojamento tanto dos missionados, como dos colonos que nelas habitavam como agregados. Esses desterrados empreenderam a busca de lugar para novos assentamentos, deslocando-se por grandes distâncias, sobretudo quando atingidos pelas secas ocorridas naquele século, como a de 1871-73, de grandes e drásticas consequências, que atingiu quase todo nordeste brasileiro, e pela longa estiagem iniciada em 1915, entre outras. No início da década de 50, ocorreu um movimento migratório de outras áreas nordestinas, secas, para a zona maranhense conhecida como “Japão”, que abrangia os atuais municípios de Presidente Dutra, Eugênio Barros, Gonçalves Dias, Dom Pedro e Tuntum, à época cidades ou povoados de expressão populacional. Ou ainda para a grande “Terra da promessa”, mais a oeste, formada pelo território dos atuais municípios de Imperatriz, ainda no Maranhão, e Marabá, no Pará.

As origens do município Governador Eugênio remontam às primeiras décadas do século XX, quando por volta de 1926, aí chegou o lavrador

Macário Francisco de Oliveira, em busca de terras para fixar moradia. O lugar ficou então conhecido como **Creoli do Macário**. Desmembrado de Caxias, foi reconhecido pela Lei nº 2174, de 26.12.1961, tendo sido instalado no ano seguinte. O nome é uma homenagem a Eugênio Barros que governou o Maranhão entre 1951-1956. Como patrimônio natural possui uma área de preservação ambiental em torno da lagoa do Creoli.

Presidente Dutra, por sua vez, teve origem no distrito criado em 1896, então incorporado ao município Barra do Corda com o topônimo de **Curador**, mas só se tornaria autônomo com elevação à condição de cidade em 30 de dezembro de 1943. Formado só pelo distrito sede, a instalação do município se daria no ano seguinte, a 28/06/44. Em 1948 teve o topônimo alterado para **Presidente Dutra**, em homenagem ao maranhense, então presidente da República, General Eurico Gaspar Dutra (1946-1951). Na ocasião recebeu o distrito de São Joaquim dos Melos, que em 1955 se tornaria autônomo para formar o município de Tuntum.

Suas origens mais remotas retroagem ao século XIX, quando os cunhados José de Souza Carneiro e José de Souza Albuquerque saíram de Codó em busca de um lugar onde pudessem se fixar, abrindo picadas, seguindo trilhas de caça, identificando acidentes geográficos, apenas com a orientação do sol, desbravando a região conhecida como “Japão”, ou seja, aquela que se localizava para além da bacia do Itapecuru, nas ribeiras do Mearim. Dessa forma, localizaram as “brejeiras” de São Bento e São Joaquim do Caxixi, em território do atual município de Tuntum, e a de Corrente, em Barra do Corda. Acampavam e faziam reconhecimento das áreas em volta, detectando a presença de índios e não índios, principalmente no município de Barra do Corda, indício de que a região já era ocupada não só por nativos, como por outros colonos que os haviam antecedido.

Posteriormente, trouxeram as famílias e se fixaram nas margens do rio Preguiça. Tempos mais tarde, grupos de sertanejos nordestinos fugindo das áreas castigadas pela seca, possivelmente durante a de 1871-73, ocuparam

uma área próxima ao local da foz do riacho Firmino (IBGE). Entre esses imigrantes encontrava-se um sertanista que se estabeleceu junto a esse riacho, que atualmente corta o setor urbano da cidade. Praticante de medicina alternativa, ou **curandeirismo**, a ele se deve a denominação do aglomerado que se formou em torno de sua morada, **Curador**.

Tradição local conta que “o Curador” era um índio de nome Abel e sua casa ficava na margem da lagoa que ficou conhecida como **Lagoa do Curador**, topônimo extensivo ao riacho que a alimenta. Em 1901, quando Cesarino Saraiva da Costa, com parentes e amigos, chegou à região encontrou o povoado já elevado a distrito. O novo grupo construiu nove residências próximas à barra do riacho. Dois anos depois, as famílias Diogo Soares e Centano Teixeira ali se fixaram atraídas pela fertilidade da terra. Em 1910 foi construída a primeira casa de telha, marco do desenvolvimento do lugar, sob o patrocínio da primeira comerciante local.

À senhora Novemdora Melo também se deve a construção da primeira capela do povoado (IBGE; PMPDutra), atual Igreja de São Sebastião. De estilo eclético, com ábside, lembra os templos construídos por capuchinhos no Nordeste, na segunda metade do século XIX. A primeira missa foi celebrada por Frei Roberto Colomgo (IBGE), representante de missionários italianos na região, provavelmente procedente da Missão de Barra do Corda. Em 1946 as irmãs capuchinhas deram início a uma reforma no templo que durou dez anos e aproveitou a planta original, mas deixou inalterados alguns elementos, como as colunas, cujos capitéis são representações de folhas de parreira ou cachos de uva, estilizados. Por outro lado, foram retirados um coreto sobre a entrada com a escadaria em madeira, à direita, ambos pintados em azul, bem como um batistério em pedra à esquerda. O mesmo destino tiveram as balaustradas azuis, de madeira, que separavam a nave do altar-mor da segunda nave. Do piso, restam algumas áreas com ladrilho hidráulico português, a exemplo da Escola Sagrada Família.

Essa Escola é um outro edifício importante para os habitantes locais, no que tange ao patrimônio edificado, à memória da cidade. Instituto fundado pelas Irmãs Missionárias Capuchinhas em 1946, primeiro educandário da região, foi denominado São Francisco, depois Santa Clara de Assis. Localizado entre o alto do barranco do riacho Firmino e a praça da Igreja Matriz de São Sebastião, trata-se de imponente construção com capela, teatro, salas de aula (antigos dormitórios do internato feminino, que funcionou por décadas, e celas das religiosas), dependências que circundam um amplo pátio.

No frontão do teatro onde se destaca uma máscara que representa uma face indígena, lia-se o dístico “Otium cum dignitate”, para enaltecer aqueles que descansam depois do labor. Em alvenaria, o dístico fragmentou-se ficando sem condições de restauração. Será repostado como pintura. Atualmente o edifício passa por uma reforma depois de 30 anos de abandono. Subsistem algumas peças do mobiliário original, assim como alguns objetos de decoração.

Além do patrimônio edificado, a cultura local está representa pelas festas religiosas, sobretudo a do padroeiro, São Sebastião, cuja estátua adorna a praça em frente à igreja, além do artesanato e danças folclóricas, como a roda de São Gonçalo, boi Barrica, bumba-meu-boi, reisado, danças juninas (quadrilha), carnaval e cacuriá, esta uma dança típica da região.

Outro aspecto de destaque na cultura local é a educação. A presença dos Capuchinhos na região, desde fins do século XIX, com um instituto educacional em Barra do Corda e outro em Alto Alegre, dedicados inicialmente à catequese dos índios Tenetehara, depois à educação dos filhos de colonos, após o episódio de triste memória ocorrido no último, na Colônia São José da Providência, e que direcionou a expansão das atividades educacionais desses religiosos para outras áreas. Em 1946, as irmãs capuchinhas se estabeleceram em Presidente Dutra e deram início à construção do Colégio já mencionado e à reforma da igreja matriz. Desse

modo, a partir dos anos cinquenta esse Colégio tornou-se referência na educação (feminina) da região, em particular, e do Maranhão, em geral.

O aspecto etnográfico na história do território central maranhense prende-se aos nativos que habitaram a área, provavelmente ancestrais dos que hoje estão reunidos em diversas reservas da região. Destaca-se entre eles o grupo Cana Brava Guajajara, atualmente o segundo em tamanho dessa população, com 3.143 índios que ocupam 137.329 hectares nos municípios de Barra do Corda e Grajaú. Também chamados Tenetehara, pertencem a grupo lingüístico Tupi e possuem um dialeto próprio, o Guajajara. As relações entre nativos e missionários e/ou colonos só passaram a ter maior visibilidade a partir do episódio de Alto Alegre, supra mencionado, com o massacre dos habitantes locais pelos nativos, em fins do século XIX.

CONTEXTO ARQUEOLÓGICO

No Maranhão, as referências arqueológicas dizem respeito, sobretudo, aos grupos pré-históricos que deixaram as *estearias*, palafitas localizadas na área do golfo maranhense, estudadas pela equipe do Museu Goeldi, chefiada por Mario Simões, na segunda metade do século XX (Simões et al:1977).

Os resultados desses estudos estão reunidos na síntese sobre a pré-história do Nordeste empreendida por G. Martin (2006). A partir de então, qualquer estudo já realizado no Maranhão não tem tido a devida divulgação, tendo em vista que trabalhos de salvamento arqueológico vêm sendo desenvolvidos nesse Estado. Por esse motivo, mesmo uma breve notícia sobre material oriundo de qualquer parte desse Estado, embora não analisado em profundidade, faz-se importante para divulgação das culturas pré-históricas da região.

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS ATUAIS

Contexto natural de sítios e ocorrências.

Em Presidente Dutra foram identificados três sítios e uma ocorrência, e em Gov. Eugênio Barros apenas um sítio. Os eventos (Quadro I), no primeiro município, encontravam-se em vertente de colinas, circundados por áreas úmidas e *embrejadas*, com solo de massapê, no segundo município, no entanto, o sítio se localizava em encosta, porém em área de maior elevação, em torno de 400m. Os de Presidente Dutra estavam localizados na área de influência do riacho Firmino. Para os padrões nordestinos esse riacho poderia ser considerado um rio, atualmente bastante assoreado, sobretudo na área urbana dessa cidade.

A vegetação no local desses eventos, que se desenvolvera ainda mais com o período chuvoso, dificultou em parte a realização dos trabalhos. Em decorrência da declividade do terreno, ficou evidente que nesses locais não houvera uma ocupação permanente ou duradoura. Os objetos culturais encontravam-se em meio a seixos e grânulos, depositados em lentes limitadas à superfície, resultantes de um processo de erosão, que começa a criar voçorocas. Utilizadas apenas como fonte de recursos, deram origem a sítios oficinas.

Metodologia e operacionalização

Nos estudos realizados recentemente, após a identificação dos locais de ocorrência de material arqueológico, foram realizadas sondagens com o objetivo de verificar a existência de vestígios em profundidade e de determinar procedimentos para a operação de resgate caso tal ocorresse, além de se comprovar as características das camadas estratigráficas, de certa forma já previstas em decorrência da seqüência sedimentar que reveste o terreno.

Os locais classificados como *sítio* apresentavam material a céu aberto, em superfície, e se distinguiam dos tipificados como *ocorrência*, apenas pela pequena quantidade de objetos que estes possuíam. Tratava-se de locais de fonte de recursos de matéria-prima rochosa, de pequenas dimensões, que foram prospectados em subsolo.

A abertura das sondagens foi precedida de implantação de quadrícula e levantamento topográfico das amostras, a fim de se proceder à coleta do material em superfície. A limpeza da superfície foi feita manualmente, a fim de não revolver demasiadamente o material encontrado em superfície.

As peças arqueológicas em superfície foram retiradas do solo, após acondicionamento, etiquetagem e posicionamento dos conjuntos, formados a partir da proximidade dos vestígios entre si, em círculo, perfazendo um raio de até 25 cm. Na quadrícula da sondagem os vestígios foram altimetricamente posicionados *in situ*. A coleta ocorreu de modo seletivo, devido ao tipo de sítio, oficina lítica.

As dimensões das sondagens variaram de acordo com as condições do terreno, inclusive a profundidade, que em média atingiram 1,50 x 1,00 x 0,60. Pôde-se verificar que o material arqueológico estava localizado na camada superficial, sendo encontrado até 15 cm de profundidade, caracterizando a presença de oficina lítica. Raros e pequenos fragmentos cerâmicos foram encontrados em dois dos eventos.

O terreno extremamente argiloso, sedimento fino, úmido, apenas apresentava cores diferenciadas para as camadas estratigráficas. A humidade só foi observada na superfície do sítio Fazenda Recanto. Na escala de Munsell, a estratigrafia nas sondagens foram assim classificadas, da superfície para o interior:

- S. Presidente Dutra II: 10R3/6, 5YR4/6, 10R4/6, 5YR4/6;
- S. Presidente Dutra III: 10YR4/6, 7.5YR4/4;
- Fazenda Recanto: 5YR4/4, 5YR3/3, 5YR4/6.
- Sítio Canaã: 2.5YR5/4, 5Y5/4.

A ocorrência no Jenipapo dos Paulinos não foi escavada por encontrar-se em meio a um alagadiço, local de brejo. O sítio Subestação Presidente Dutra I ao ser identificado encontrava-se bastante alterado com os resíduos da implantação da subestação e outras torres de eletrificação implantadas anteriormente. Em etapa posterior revelou-se muito próximo do sítio n. II. A partir de então passaram a ser considerados um mesmo sítio. Os artefatos de Canaã, em pequena quantidade, foram incluídos devido à possibilidade de uma utilização diferenciada do local, por um tempo maior. Esse fato poderá ser confirmado pela análise química do solo.

Para fins de análise das peças arqueológicas, foram considerados três contextos culturais: um próximo ao riacho Firmino e seus tributários (Setor A), um segundo, afastado, mas ainda relativamente próximo (Setor B) e o mais distante, em região ondulada (Setor C). Do setor A fazem parte as oficinas líticas na subestação de Presidente Dutra; do setor B, as da Fazenda Recanto e Jenipapo dos Paulinos; e do C, a oficina lítica de Canaã, na fazenda Paraíso, em Gov. Eugênio Barros.

As oficinas líticas

Os sítios classificados como oficinas líticas estão localizados em jazidas de minerais variados, em forma de grânulos, seixos rolados, blocos, calhaus, que são depósitos lenticulares na superfície do solo, resultantes da ação erosão pluvial e eólica, onde o material cultural pré-histórico é encontrado em meio à matéria-prima bruta.

Os sítios encontrados na Zona de Cocal do Maranhão reproduzem em seu contexto os aspectos verificados na maioria das oficinas líticas do nordeste

brasileiro – a exemplo as do médio vale do São Francisco -, que é a utilização de matéria-prima, genericamente denominada *rocha*, nas encostas de suaves ondulações, pequenos morros e elevações desnudados pelo processo erosivo (Silva 2003). A declividade do terreno afasta a possibilidade de uma ocupação permanente, a não ser pelo tempo necessário para a confecção dos objetos.

Nesses sítios, três aspectos precisam ser levados em conta no tratamento do material arqueológico: a) os geofatos se sobrepõem em número aos artefatos; b) como local de fonte de recurso, só restam os objetos descartados, perdidos e/ou esquecidos; e c) a possibilidade da utilização da fonte de matéria-prima por diferentes grupos, em diferentes épocas.

A partir desses pontos, todo o material lítico precisa ser considerado, desde o que apresenta traços de uso, pequenas alterações superficiais, aos geralmente raros objetos acabados e aos núcleos esgotados, bastante freqüentes, evidentemente, em uma segunda triagem, depois do descarte da matéria bruta modificada acidentalmente. Decerto realiza-se uma triagem prévia ao se abandonar no campo aqueles materiais sem nenhuma alteração, ditos naturais, coletando-se apenas exemplares das formas básicas que possivelmente tenham sido utilizadas para obtenção de lascas.

Os artefatos encontrados nos sítios oficinas servem como referência para o material resgatado nos sítios de habitação, podendo contribuir dessa forma para caracterizar os grupos culturais de uma região. Em virtude da não identificação de sítios de habitação na área estudada, através dos indícios fornecidos por esses artefatos poder-se-á estabelecer, pelo menos em nível hipotético, uma caracterização para os grupos étnicos locais, com vistas a uma futura definição de filiação cultural.

A ausência de sítios habitação na área pode ser explicada pela não existência de terraços próximos às vias fluviais, os locais mais utilizados para estabelecimento dos grupos pré-históricos do nordeste brasileiro,

depois dos abrigos-sob-rocha. Esses terraços são formados por deposição sedimentar fluvial, quando muito areno-argilosa. No maranhão esse sedimento é argiloso, compacto e raramente apresenta um teor de areia.

Outro local onde comumente se situam as oficinas são os topos de morro e chapada, devido às fontes de recursos serem aí encontradas mais facilmente. Os seixos rolados, transportados pelas correntezas que também são muito empregados na confecção de objetos de pedra, aí foram substituídos pelos nódulos, materiais não rolados, como matéria básica mais utilizada.

Esses sítios formados a céu aberto, em superfície, recebem intervenção em subsolo para coleta de informações sobre a estratigrafia local e para resgatar material que por ventura tenha migrado para a subsuperfície, o que depende das características dos estratos.

Os artefatos

O material arqueológico coletado foi estudado preliminarmente, mas possui aspectos técnicos que, embora muito próximos ou em contextos semelhantes, individualizam o conjunto de cada sítio/ocorrência, a exemplo a matéria-prima, cuja qualidade se reflete no acabamento das peças. Ressalta-se, no entanto, que a classificação da matéria-prima desses artefatos ainda está sendo revisada por um geólogo, tendo em vista a composição mineralógica de boa parte desses materiais formados em períodos de ação vulcânica. Foram coletadas 269 peças líticas, das quais 68 são do sítio Subestação Presidente Dutra II, reunidas às do sítio I, pelo motivo já exposto, e 101 pertencem ao sítio Subestação Presidente Dutra III, no setor A; 83 são do sítio Fazenda Recanto e da ocorrência Jenipapo dos Paulinos, no setor B; e 17 procedem do Sítio Canaã que compõe o setor C (Tabela I).

Tabela I - Distribuição dos Artefatos Líticos por Matéria-Prima/Setores

Matéria-prima	Setor A	%	Setor B	%	Setor C	%	Total parcial
Silexito	113	42,00	50	18,58	14	5,20	171
Arenito	23	8,55	27	10,03	01	0,37	51
Calcedônia	07	2,60	02	0,74	-	-	09
Hematita	09	3,34	01	0,37	-	-	10
Quartzito fino	11	4,08	-	-	01	0,37	12
Arenito/calcário	03	1,11	-	-	01	0,37	04
Silex/calcário	02	0,74	02	0,74	-	-	04
Calcário	01	0,37	01	0,37	-	-	02
Total parcial	169	62,82	83	30,85	17	6,31	269

Os artefatos do setor A, no S. Presidente Dutra II, são peças de acabamento rudimentar, devido à má qualidade da matéria-prima. Os de melhor confecção devem ter sido levados pelo artesão para o local de uso, possivelmente a habitação. No S. Presidente Dutra III os objetos líticos apresentam uma confecção menos rudimentar, devido à melhor qualidade dos suportes rochosos (Prancha I).

No setor B, os artefatos encontrados foram realizados sobre grânulos, dispersos pelo terreno, enquanto os dejetos de lascamento estavam reunidos em montículos. Esses resíduos de pequenas dimensões sugerem não só um local de lascamento, como um maior rebuscamento técnico aliado a uma economia de matéria-prima, quando de boa qualidade, na confecção dos objetos de pedra. A presença de poucas peças acabadas aponta para essa conjectura e o transporte dos instrumentos de melhor confecção para outro local (Prancha II).

No setor C, o Sítio Canaã apresentou objetos lascados raros, de confecção simples, realizados sobre grânulos dispersos em grande quantidade sobre o terreno. Aparentemente foi um local pouco utilizado, devido provavelmente à inadequação da matéria-prima (v. Prancha II). Nesse setor o destaque é para uma peça com restos de tinta, em laboratório para análise, o que indica uma diversificação de atividades e até mesmo uma utilização mais prolongada do

local, mencionadas anteriormente. Esse evento, provisoriamente está incluído entre as oficinas líticas.

A matéria-prima mais utilizada pelos artesãos da região, num total de 65,79 % do conjunto de 269 peças, foi o sílexito uma classificação geral para os síleces utilizados. O segundo material mais empregado foram os arenitos, com diferentes características granulométricas, com 18,95%. O quartzito fino, a hematita e a calcedônia também foram usados na confecção dos artefatos, 4,46%, 3,71% e 3,34% de ocorrência, além dos materiais que se apresentam associados ao calcário em uma mesma peça, como o arenito e o sílex, com 1,48%, cada um, e o próprio calcário, com 0,37 % (v. Tabela I). Arenitos e sílexitos, devido à ação vulcânica não proporcionaram peças bem acabadas, o que só foi possível devido ao quartzito fino.

5.3.1. Técnicas e tipologia.

Os artefatos de pedra estão representados por facas, raspadores, furadores, alisadores, lascas, estilhas e núcleos a maioria em sílexito e arenito fino, sem a qualidade necessária para a realização de um bom instrumento, à exceção do material procedente do sítio Subestação Presidente Dutra III. Outras matérias-primas também foram utilizadas, como o arenito de diversas granulometrias, e sílexito com incrustações de calcário, a calcedônia, o quartzito fino, o diabásio e a hematita. Alguns artefatos foram confeccionados em matéria-prima com dois tipos de rocha bem definidos (v. Tabela I).

Do ponto de vista da tipologia, constatou-se a fabricação de instrumentos com duas ou mais funções, das quais somente as duas mais importantes são apresentadas, evitando-se maior diversificação na tipologia (Tabela II), lembrando que as quatro principais funções são cortar, raspar, furar e bater. Verificou-se ainda, uma predominância de núcleos e lascas, nessa ordem, configurando um local de confecção dos artefatos de pedra, previsto nos sítios oficina. Esses tipos constituem as sobras da ação de tirar lascas de

bloco, nódulo, seixo, além dos fragmentos artificiais, estilhas, tendo restado os núcleos, alguns deles esgotados. As sobras do lascamento algumas vezes foram utilizadas para raspar, cortar, furar...

Nesses sítios não foram encontrados os batedores usados para destacar as lascas. Todavia alguns núcleos e até espessas lascas apresentavam traços de percussão, o que significa o reaproveitamento dos batedores (percutores) que se quebraram. Alguns objetos trabalhados apresentavam uma pátina antiga tão que se tornara um novo córtex (secundário) ou pátinas mais recentes com outras mais antigas, em uma mesma peça, indicando várias épocas de utilização e uma frequência ao local do homem pré-histórico, por longo período de tempo.

Os núcleo e lascas de desbastamento predominam no conjunto de 269 objetos (26,76% e 15,98%, respectivamente), como não poderia deixar de acontecer no caso de sítios-oficinas. Os artefatos especializados igualmente respondem em número à necessidade da demanda no equipamento de um grupo: raspadores 15,24 %, facas 6,69% e furadores, 5,20%, ressaltando-se a multiplicidade de função, representada por facas-raspadores, 2,24%, e raspadores-furadores, 2,23%, em que uma terceira atividade pode ser desenvolvida com esses artefatos. Outros instrumentos especializados foram identificados como lesmas inacabadas, ou frustradas, com 1,85%, alisadores, 1,48%, pontas 1,11% e um destocador, 0,37%.

A utilização de dejetos de lascamento tem uma boa representação com as lascas utilizadas, 4,83%. Em se tratando desses dejetos, os fragmentos que se destacaram no ato de lascar sem as características de lascas, os fragmentos artificiais, chegam a 4,83%, tendo sido utilizado só 0,37% (uma só peça), menos que os núcleos, reutilizados, que compõem 0,74% do conjunto. Além desses tipos foram encontradas estilhas que perfazem 2,23% e lascas fragmentadas, com 1,85% do total do conjunto. Como formas naturais foram coletadas plaquetas, 1,85%, blocos e fragmentos inalterados,

estes com 1,11%. Foram recolhidos como exemplares das formas básicas utilizadas na confecção dos artefatos (v. Tabela II).

Além do material lítico, alguns fragmentos cerâmicos foram coletados nos sítios S. Presidente Dutra III e Canaã, o que indica ao menos o uso desses artefatos pelos grupos humanos que transitaram pela área em épocas pretéritas.

O fato de não se encontrar fragmentos significativos pode ser atribuído à antropização e ao intemperismo, sobretudo enxurradas que não só podem destruir o material frágil desses objetos pelo encharcamento, como pelo rolamento declividade abaixo.

Tabela II - Distribuição dos Tipos de Artefatos Líticos por Setor.

Tipo de Artefato	Setor A	%	Setor B	%	Setor C	%	Total parcial
Faca	13	4,83	04	1,48	01	0,37	18
Raspador	32	11,89	05	1,85	04	1,48	41
Furador	11	4,08	01	0,37	02	0,74	14
Faca-raspador	05	1,85	03	1,11	-	-	08
Faca-furador	02	0,74	01	0,37	-	-	03
Raspador-furador	05	1,85	01	0,37	-	-	06
Pré-lesma	04	1,48	01	0,37	-	-	05
Ponta	03	1,11	-	-	-	-	03
Destocador	-	-	01	0,37	-	-	01
Alisador	03	1,11	-	-	01	0,37	04
Lasca utilizada	06	2,23	04	1,48	03	1,11	13
Núcleo utilizado	02	0,74	-	-	-	-	02
Lasca	25	9,29	16	5,94	02	0,74	43
Frag. de lasca	03	1,11	02	0,74	-	-	05
Estilha	-	-	06	2,23	-	-	06
Núcleo	41	15,24	27	10,03	04	1,48	72
Frag. artificial	06	2,23	07	2,60	-	-	13
Frag. natural	02	0,74	01	0,37	-	-	03
Bloco	02	0,74	01	0,37	-	-	03
Plaqueta	03	1,11	02	0,74	-	-	05
Frag. art. utiliz.	01	0,37	-	-	-	-	01
Total parcial	169	62,82	83	30,85	17	6,31	269

Do ponto de vista técnico, dois aspectos que chamam a atenção: a utilização da técnica do aquecimento para lascar, tendo como resultados as “lascas naturais”, cujos traços são visíveis, e a do lascamento por pressão, que também utiliza o pré-aquecimento do suporte . Trata-se de indícios de avanço tecnológico, que garantia um maior controle no ato de fabricação de uma peça lítica. Todavia, o uso da técnica foi inglório diante da matéria-prima de qualidade sem as características que favorecessem o controle das ações de manufatura. Pôde-se inferir que os artesãos detinham os conhecimentos técnicos disseminados a partir de 10.000 anos atrás, e ainda utilizavam-no, ou pelo menos faziam tentativas nesse sentido com o material da região.

Quanto à presença de objetos não especializados, com função múltipla, indica uma opção pela praticidade desses instrumentos, que são encontrados aproximadamente a partir de 4.000 anos atrás, datação relativa para esses instrumentos em algumas áreas dos sítios do nordeste brasileiro.

No conjunto, além dos objetos fabricados por percussão e pressão, com pré-aquecimento, existem alguns fragmentos de peças alisadas, possivelmente usadas para regularizar a superfície ou até mesmo polir a cerâmica. Um destes, do Sítio Canaã, está sendo analisado, a fim de se averiguar a origem de possíveis traços de tinta. Se forem confirmados como tal, poder-se-á levantar em nível hipotético o uso da peça na confecção de vasilhames cerâmicos, uma vez que pequenos fragmentos de cerâmica, embora simples, alisada, tenham sido coletados na área.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que há de mais relevante nas informações que esse pequeno conjunto de peças ofereceu diz respeito ao comportamento dos grupos pré-históricos com relação ao conhecimento técnico e às estratégias de suprimento das necessidades básicas, como a ocupação de setores mais secos, em elevações, em uma zona provavelmente muito mais úmida no passado, e à recorrência de

características já observadas em outros conjuntos de artefatos líticos procedentes de sítios do nordeste brasileiro. As estratégias de ocupação e/ou utilização do ambiente não diferem muito do restante dos sítios nordestinos, uma vez que as elevações continham as fontes de recursos rochosos e ao mesmo tempo estavam próximas às correntes d'água. Quanto ao domínio tecnológico, conheciam a cerâmica e tentavam aplicar técnicas rebuscadas de confecção dos instrumentos líticos, conhecidas desde o fim do Pleistoceno, em material que não permitia a obtenção de um bom resultado, com algumas exceções. Essa tendência é observada em vários sítios do nordeste brasileiro, a partir de 5.000 ou 4.000 anos, dependendo da zona. Os instrumentos apresentam mais de uma ou duas funções fabricados sobre calhaus, grânulos e não mais sobre seixos rolados.

Enfim, pode-se inferir que o homem pré-histórico que habitou a região estudada fabricava seus artefatos de pedra dentro de uma “tradição” surgida a partir de 4.000 anos, identificada na Gruta do Padre, na margem sanfranciscana, disseminada pelo Nordeste, ao lado do antigo modo de fabricar esses instrumentos, rebuscado, que não foi de todo abandonado (Silva 2003). Esse material é geralmente encontrado em área habitada por nativos do grupo Macro Jê, entre eles os Jê e Cariri e até mesmo da Tupi.

O que fica como sugestão para estudos futuros sobre os grupos pré-históricos da região, além do aprofundamento da análise tecno-tipológica dos instrumentos líticos, é a localização de acampamentos e aldeias, com estratégias de adaptação ao ambiente que tenham superado o problema do solo úmido, além do suprimento de outras necessidades de sobrevivência, em que estivesse envolvida a mata de babaçu.

Jacionira Coelho Silva

E-mail: jaconira@hotmail.com

NOTAS

¹ Sob a coordenação da Profª Dra. Conceição Lage, com a participação da autora e outras arqueólogas, Sônia Campelo, Fátima da Luz, Jóina Freitas, bem como de estagiários do NEA.

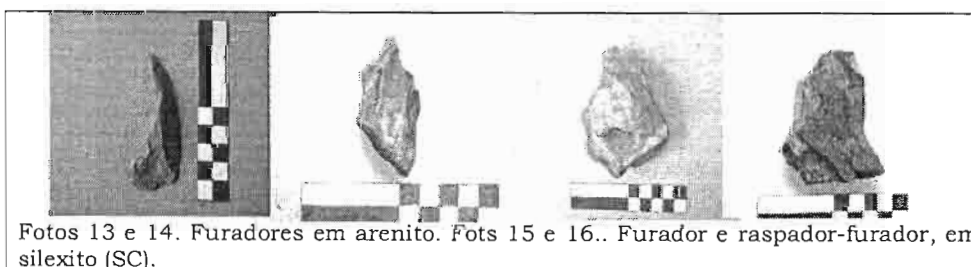
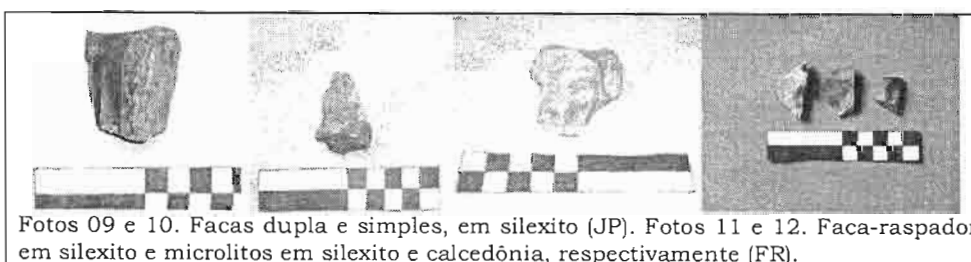
PRANCHA I

SETOR A



PRANCHA II

SETORES B e C



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBEVILLE, Claude d'. **História da missão dos padres capuchinhos na Ilha do Maranhão e terras circunvizinhas**. (2ª imp. da Ed. fac-similar de 1945). São Paulo: EDUSP, 1975 (Reconquista do Brasil; 19).

AB'SÁBER, A. N. **Megageomorfologia do território brasileiro**. In: CUNHA, S. B. da; TEIXEIRA GUERRA, A. J. (org.) **Geomorfologia do Brasil**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, p. 71-106, 1998.

BRYAN, A. L. **Paleoenvironments and Cultural Alversity in the Late Pleistocene South America**. QUATERNARY RESEARCH, 3:237-56, 1973.

CARVALHO, M. R. G. **Os povos indígenas do Nordeste; território e identidade étnica**. Salvador: Revista da Cultura, Fundação Cultural do Estado, 1(1), 1988.

CONSPLAN-CHESF. **Projeto de levantamento arqueológico na LT 500 kv Presidente Dutra /Teresina II circuito 2 - etapas I-II-III**. Teresina, 2003, 2006,il.

CHANTU Y HERRERA, J. **Historia de las misiones de la Companhia de Jesus en el mara ñou español** .[1637-1767]. Madri: Aurial, 1901 [c 1767].

CUNHA, F. M. B. **Evolução Paleozóica da Bacia Sedimentar do Parnaíba e seu Arcabouço Tectônico**. (Dissertação de Mestrado em Geologia) Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1986.

EHRENREICH, P. **Divisão e distribuição das tribos do Brasil segundo o estado atual dos nossos conhecimentos**. Rio de Janeiro: REVISTA DA SOCIEDADE DE GEOGRAFIA DO RIO DE JANEIRO, 8(1): 31-55, 1892.

FALCÃO, M. F. P. **Dicionário toponímico, histórico e geográfico do Nordeste**. Fortaleza: Artlaser Ed. e Gráfica, 2005.

GÓES, A. M. O. & FEIJÓ, F. J. **Bacia do Parnaíba**. Rio de Janeiro: BOLETIM DE GEOCIÊNCIAS DA PETROBRÁS, v.4, n.1, p.57-67, 1994.

IBGE. <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtvs/estado/municipio/pdf>

KUHLMANN, Edgar. **Vegetação**. In: BRASIL. Geografia do Brasil – 2. Região Nordeste. Rio de Janeiro: IBGE, 1977, p 85-111, il.

MARTIN, G. **Pré-História do Nordeste do Brasil**. 4ª ed. Recife: Ed. Universitária - UFPE, 2006.

_____. Os povos do litoral Nordeste na pré-história. In: **Antes – Histórias da Pré-história**. Rio de Janeiro: Banco do Brasil, 2004, il.

MOREIRA, A. A. Nogueira. **Relevo**. In: BRASIL. Geografia do Brasil – 2. Região Nordeste. Rio de Janeiro: IBGE, 1977, p 1-45.

NELSON, M. C. **The Study of Technological Organization**. In: SCHIFFER, M. B. (ed). Archaeological Method and Theory, n. 3: 57 – 100, 1991.

NÎMER, Edmon. **Climatologia do Brasil**. Rio de Janeiro: IBGE, 1989.

PETRI, Setembrino & FÚLFARO, Vicente José. **Geologia do Brasil**. São Paulo: EDUSP, 1983, il (Biblioteca de ciências naturais, v. 9).

PIEL-DESRUISSEAU, Jean- Luc. **Instrumental préhistórico**. Barcelona: Masson, 1989, il.; **Outils pré-historiques**. Paris: Masson.

PIRES, F. R M. **Arcabouço geológico**. In: CUNHA, S. B. da; TEIXEIRA GUERRA, A J. (org.). **Geomorfologia do Brasil**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, p. 17-69, il 1998.

PMPDUTRA. **Síntese histórica do município de Presidente Dutra**. Presidente Dutra(MA): Sec. Municipal de Educação Cultura e Lazer/Colégio Municipal, sem data, (impresso).

ROE, P. **The cosmic zygote: Cosmology in the Amazon Basin**. New Bruswich: Rutedgers University Press, 1982.

ROCHA, J. S. **A indústria lítica em três sítios arqueológicos do sudeste do Piauí**. CLIO. Recife: EDUFPE, Série Arqueologia - 1, nº 6: 113-126, 1984.

SILVA, J. C. **Arqueologia no médio São Francisco. Indígenas, vaqueiros e missionários**. Tese de Doutorado.Recife: UFPE-PPGH, 2003, il.

SIMÕES, Mario F.; CORRÊA, C. G.; MAHADO, A.L.Pesquisas arqueológicas nas estearias do Lago Cajari, Maranhão. SPBC. **Ciência e Cultura**, v. 28. n. 7, p.162-163.

VARGAS, G. V. et alii. **Geomorfologia**. In: Projeto RADAM. Rio de Janeiro: MME/DNPU, v. 2, 1973.